

## ENTREVISTA

IMPLICAÇÕES POLÍTICAS NO UNIVERSO DA DANÇA  
CONTEMPORÂNEA:  
reflexões sobre processo criativo, proposições estéticas e o fazer  
artístico na cidade de São Paulo

## Entrevista com João Minelli Andreazzi

Entrevista realizada por  
Rafael Balseiro Zin<sup>85</sup>  
Renata Tomasi Silva<sup>86</sup>

As ciências sociais, nos últimos anos, têm sido marcadas por um trânsito cada vez maior entre os saberes. Neste fluxo contínuo, de apropriações que geram novos domínios, destaca-se a íntima relação entre a arte e a política. Dentre as várias formas de aproximação em meio a tais esferas, no entanto, a linguagem que menos tem recebido atenção por parte dos pesquisadores é a da dança, mais especificamente a da dança contemporânea. Levando em consideração a necessidade de se refletir sobre os novos fenômenos artísticos e seus fazedores neste universo particular, convidamos o coreógrafo e bailarino paulistano João Minelli Andreazzi, fundador da *Companhia Corpos Nômades*, para nos auxiliar a discorrer sobre essa temática. Com uma carreira dedicada à pesquisa da linguagem e dos sentidos do corpo, Andreazzi iniciou seus trabalhos no campo das artes cênicas como ator, *performer* e bailarino, na década de 1980. Em 1990, passou a pesquisar o corpo com maior ênfase e a dedicar-se ao ensino da dança contemporânea. Fundindo-a com elementos do teatro, do *hip-hop*, das artes plásticas e da vídeo-arte, ganhou diversos prêmios. Nesta entrevista, portanto, o que se busca, como o próprio título sugere, é melhor compreender como se dão as implicações políticas no universo da dança contemporânea, a partir de reflexões sobre processo criativo, proposições estéticas e o fazer artístico na cidade de São Paulo.

---

<sup>85</sup> Mestrando em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

<sup>86</sup> Bacharel em Comunicação das Artes do Corpo, pela da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Cursa, atualmente, especialização em Gestão Cultural, pelo Centro Universitário Senac de São Paulo.

**Rafael Balseiro Zin:** Para iniciarmos esta conversa, João, gostaria que você apresentasse, brevemente, como sua trajetória pessoal e social o influenciou na escolha da carreira artística e como a dança contemporânea despertou o seu interesse.

**João Andreazzi:** Minha trajetória como criador em dança contemporânea não começou pelo universo da dança. Na realidade, eu começo a pensar a criação em *performance* e, antes da *performance*, em teatro, em meados da década de 1980. Nesse momento, a dança me surgiu como trabalho corporal auxiliar para as atividades de ator e *performer*. Inicialmente, não havia imaginado que um dia viraria um coreógrafo. Foi a partir de um primeiro trabalho que realizei, ainda em 1989, que meu interesse por essa linguagem artística surgiu. Desde então, fui misturando diversos elementos do teatro, da *performance* e da dança. E tudo começou dessa maneira, vindo do teatro, passando pela *performance*, até alcançar o trabalho corporal em dança contemporânea. Com o passar do tempo, comecei a introduzir novos elementos, como a mímica, os estudo de cena, de direção, de coreografia, sempre com a participação de inúmeros profissionais que passaram pela *Companhia Corpos Nômades*. Mas no começo as coisas não eram tão fáceis como pode parecer em um primeiro momento. Como eu sou paulistano, eram lugares como a Oficina Cultural Oswald de Andrade, o Centro Cultural São Paulo e o próprio SESC-SP, que possibilitavam a realização das minhas apresentações. De modo geral, foi basicamente este percurso, essas referências misturadas e esses lugares, que me fomentaram artisticamente. E isso tudo foi muito importante, pensando em termos da minha formação em dança, propriamente. A partir daí, em meados nos anos de 1990, começo a ter experiências internacionais riquíssimas, sendo que a mais significativa se deu, em 1996, em Amsterdã, na Holanda, quando ingressei na *School for New Dance and Development*, por conta de uma bolsa de estudos de um programa de aperfeiçoamento em arte no exterior, fornecida pelo Ministério da Educação.

**Renata Tomasi:** E como foi essa experiência de estudar em outro país? Como as vivências que você teve por lá influenciam hoje em seu trabalho?

**João Andreazzi:** As experiências que tive na Holanda são fortes e me influenciam até hoje. Na época, fui para lá com o objetivo aprender mais sobre o meu corpo e sobre a dança contemporânea, principalmente. Queria descobrir novas maneiras de me expressar através do corpo, mas, para isso, eu precisava entender, em termos de movimento, desde a estrutura dos ossos e dos

músculos, até o entrosamento do corpo com o espaço interno, antes de passar para o espaço externo, que era o meu objetivo último. E isso tudo foi primordial. A partir dessas referências e dos estudos que fiz, somado às demais experiências ao longo de minha trajetória, consigo encontrar, hoje, maneiras de transpor as ideias, concretamente, para o sistema corporal, buscando sempre novas maneiras de contribuir para a construção da linguagem artística da dança.

**Rafael Balseiro Zin: Pensando em termos de processo criativo, quais são as questões ou mesmo as referências que te mobilizam? Como você trabalha essas questões e referências e como elas podem ser traduzidas através do corpo?**

**João Andreazzi:** Hoje, as questões que mais me preocupam, como a ideia de solidão, para citar um delas, estão muito conectadas com as memórias que tenho enquanto pessoa e artista. Muitas das coisas que li e que me impactaram, lá atrás, eu percebo que não tinha uma estrutura corporal para colocar em prática. Um exemplo disso são os *Cantos de Maldoror*, escritos pelo Conde de Lautréamont<sup>87</sup>. Tomei contato com seus escritos na década de 1980. Mas, naquela época, não conseguia conceber uma interpretação possível, em termos de dança contemporânea. Traduzir aqueles textos para o corpo me parecia algo impossível de ser realizado. É preciso de tempo para maturar certas ideias, até conseguir incorporá-las num determinado movimento, num determinado gesto ou mesmo num trabalho final. Mas essa tradução de referências literárias, de imagens, essa ideia cognitiva de absorver, de múltiplas maneiras e inteligências, as coisas que vejo e que sinto, são muito importantes para o processo criativo, pois fazem com que eu estabeleça conexões com os meus próprios sentidos. Ou seja, todas essas referências acabam se transformando em uma experiência sensorial, que distorce a realidade, criando novas possibilidades de criação, fazendo com que o corpo se dilate, a partir de um primeiro estímulo.

**Renata Tomasi: Você atua, ao mesmo tempo, como intérprete, coreógrafo e diretor da *Companhia Corpos Nômades*. Levando em consideração as especificidades de cada uma destas atividades, fale um pouco sobre como funciona o processo de trabalho em grupo.**

---

<sup>87</sup> Isidore Lucien Ducasse, mais conhecido pelo pseudônimo literário de Conde de Lautréamont, foi um poeta uruguaio, que viveu na França do século XIX.

**João Andreazzi:** De fato, manter o equilíbrio entre todas essas atividades é uma tarefa nada simples. No que diz respeito à experimentação cênica, por exemplo, sempre levo em consideração a junção de dramaturgia com coreografia, o que dificulta o trabalho em grupo. E como trabalhamos fortemente com a ideia de experimentação, nem sempre atingimos um resultado satisfatório. Mas isso não é um problema, pois a *Companhia* surge com a intenção de “encontrar acertos dentro dos possíveis erros”. Ao mesmo tempo, uma grande dificuldade, presente em todo processo criativo, é fazer com que todos os integrantes tenham um entendimento da proposta a ser executada, em cada momento, em cada movimento. Ou seja, o trabalho em grupo precisa ser realizado como um único órgão, que reverbere. Como misturamos muitos elementos o tempo todo, é preciso que todo o corpo funcional da *Companhia* esteja em harmonia. E, no caso da *Corpos Nômades*, atingir esse estado de concordância torna-se complicado, pois necessitamos de tempo de maturação das ideias, muito trabalho corporal ao longo dos ensaios, até atingir a plenitude de um determinado movimento. Outro ponto que nos gera dificuldades, é que trabalhamos com a ideia de *ciclos finitos*, que consiste na percepção de que nada é eterno, nada permanece. Portanto, estamos sempre nos metamorfoseando, buscando sempre mudar a relação com os espaços, mudando as formas de nos manifestar com o corpo. E toda essa movimentação é ocasionada por uma constante inquietação, muito característica da noção de *nomadismo*.

**Renata Tomasi:** Em que medida a maturidade artística o auxilia na criação e na interpretação do seu trabalho em dança? Por outro lado, o "peso dos anos" pode atrapalhar esse processo? Como você enxerga essa questão?

**João Andreazzi:** Tenho, hoje, quarenta e sete anos. E a trajetória de um artista em dança é muito complicada, pois dependemos do corpo para nos manifestar. Com o tempo, obviamente, determinados gestos e movimentos se tornam grandes desafios. Mas o estado da arte da dança, na relação com o tempo, está justamente nisso: você envelhecer e fazer do seu corpo uma tela, que vai se lapidando e transformando. E o corpo é algo muito maior do que simplesmente ter vigor físico ou a capacidade de entender e de interpretar uma determinada coreografia. Ainda assim, não me sinto com a idade que tenho. Acredito que a dança tem um benefício: ela mexe com o relógio interno do corpo, alterando a nossa relação com o tempo vivido. E sinto que há, ainda, muita coisa que pode ser feita, seja como intérprete, seja como coreógrafo ou mesmo como diretor da *Companhia*.

**Rafael Balseiro Zin: Pensando especificamente na relação entre arte e política, você acredita na ideia, bastante difundida entre alguns pensadores, de que a arte tem a capacidade de transformar o mundo?**

**João Andreazzi:** Estou próximo de completar cinquenta anos. Mas sempre acreditei nessa ideia de que a arte tem a capacidade de transformar o mundo. No entanto, é preciso levar em consideração certa dose de pessimismo, que vem com o tempo. Não vejo essa transformação da arte como os revolucionários de esquerda acreditavam no passado. Não há, na arte, uma capacidade de transformação total das sociedades, em termos políticos, econômicos, culturais. Talvez, esse processo de mudança, ou processos de mudança, se dê em torno de indivíduos, de pessoas, o que já podemos considerar como algo positivo. Por outro lado, pensando em outra perspectiva, diametralmente oposta, acredito que os processos de transformação estejam já inseridos no conceito de origem do mundo, de gênese. Se pararmos para observar a natureza, por exemplo, veremos que ela, em si mesma, já é artística. Ou seja, há uma estética própria do natural, no sentido das imagens que captamos durante o processo de observação. Perceba o comportamento de uma ave macho cortejando uma ave fêmea. Assista o voo de um cisne. Veja o modo como uma serpente se desloca pelo deserto. Todos esses movimentos são extremamente coreografados. A natureza está repleta de movimento e de plasticidade. Pense numa geleira derretendo. Pense num terremoto acontecendo ou numa erupção vulcânica. Até a capacidade destrutiva da natureza tem um quê de Belo, de sublime, que é extraordinário. E não estou dizendo isso de forma ingênua, num sentido meramente contemplativo, espiritual ou coisa que o valha. Estou me referindo a um sentido estético, plástico, de textura, de cor, de movimento, que são próprios da natureza. Algo muito parecido com o que nós, humanos, fazemos em termos de arte. Quando falamos de criação em dança contemporânea, essas referências são bastante similares. Portanto, não importa se é da natureza humana ou da própria natureza: ambos os movimentos que encontramos ou que criamos se relacionam fortemente com o sentido de arte, de lapidação, de mudança de estado, seja de uma matéria, seja de uma sociedade. Nessa perspectiva, ao contrário do que disse no início, não teríamos uma arte com potencial de “transformar o mundo”, pois essa capacidade não está na arte, necessariamente, mas, sim, na natureza das coisas, dos gestos, dos movimentos. Esse potencial de transformação, acredito, está em tudo aquilo que nos rodeia. É tudo muito artístico, na realidade. É tudo muito bonito.

**Rafael Balseiro Zin: O nosso tempo tem sido marcado pela velocidade da informação e pelo avanço da tecnologia. Mediante esse contexto, de quais**

**estratégias o artista pode se cercar para contribuir com a construção do pensamento crítico da sociedade?**

**João Andreazzi:** Acredito que tudo o que nos rodeia está ligado a uma relação política. Algo bastante parecido com o que Michael Foucault afirma em sua *Microfísica do Poder*<sup>88</sup>. Ou seja, a política está em todas as relações, sejam elas macro ou micro. Nesse sentido, eu percebo que a internet pode ser uma ferramenta incrível, ao mesmo tempo em que ela traz perigos. O acesso às informações, hoje, por conta internet, é algo extraordinário. No entanto, diferentemente do passado, as informações nem sempre são confiáveis. Então eu vejo essas novas tecnologias da informação e da comunicação como algo ambíguo. Ao mesmo tempo em que ela permite o acesso, a forma como a informação é veiculada incorre o risco de manipulação constante. É uma questão delicada. Um problema que percebo, também, é que hoje tudo está na internet. As pessoas publicam o tempo todo aquilo que deveria, em tese, se manter na esfera do privado. E nisso há um desgaste absurdo, pois as opiniões de todos estão o tempo todo sendo veiculadas. Ficamos sabendo de tudo o que está acontecendo, mas de modo extremamente superficial, situado na linha do horizonte. Isso nos mostra uma ideia própria de ilusão, mas da ilusão que temos de não estarmos solitários. E é levando em consideração esse contexto de solidão, de um possível esgotamento das relações humanas, que o artista pode se cercar para contribuir com a construção de um pensamento crítico na sociedade. A arte permite desacelerar o tempo e, através do imaginário, possibilita a construção de novos significados para se interpretar e agir nesses momentos de solidão e de esgotamento.

**Rafael Balseiro Zin:** É possível afirmar que o trabalho da *Companhia Corpos Nômades* estabelece uma relação com o fazer político na sociedade? Em outras palavras, durante o processo criativo, a *Companhia Corpos Nômades* se utiliza da dança como instrumento político para problematizar ou mesmo intervir nas questões de poder em nossa sociedade?

**João Andreazzi:** Como disse, essas ideias de *esgotamento* e de *solidão* estão bastantes presentes em nosso trabalho, pois elas são características típicas das sociedades contemporâneas. As pessoas andam sós e estão esgotadas. E a nossa reflexão, durante o processo criativo, tem por base a

---

<sup>88</sup> Esta referência foi somada a fala do entrevistado, pelos entrevistadores, em decorrência da similaridade e da proximidade com o assunto abordado, sem que haja distorção do discurso original.

aceitação dessa solidão e desse esgotamento, não a sua negação. Não sabemos ao certo o que está acontecendo, o porquê disso. Talvez sejam reflexos típicos de uma *sociedade líquida*, para nos lembrarmos de Zygmunt Bauman<sup>89</sup>. Contudo, ao aceitarmos essas características como marcadores do nosso tempo, abrimos uma brecha para o fazer político. A ideia de *surrealismo*, por exemplo, é muito forte em nosso processo de criação. Isso porque, o surrealismo é fortemente político e politicamente forte. Na fragmentação e no deslize dos corpos, que podemos observar nas pinturas de Salvador Dalí, Max Ernst e nos demais trabalhos de artistas surrealistas contemporâneos, por exemplo, percebemos modos de distorção da realidade. Produzir surrealidades, logo, é um ato político. Ao imprimir esses elementos no movimento dos corpos, na dança, conseguimos chamar a atenção do espectador para determinadas questões, o que pode ser considerado como uma forma de intervir nas questões de poder em nossa sociedade. E mais do que nunca vivemos em um momento absolutamente surreal.

**Rafael Balseiro Zin: Ao longo desses anos todos de trabalho ininterrupto da *Companhia Corpos Nômades*, você acredita ter chegado a uma estética própria? Se sim, como você a definiria?**

**João Andreazzi:** É difícil discorrer sobre essa questão. O ideal seria termos alguém de fora, um crítico, talvez. Mas, pelos julgamentos que recebemos do público e de periódicos especializados em dança, existe sim uma identificação de nosso trabalho com o que poderíamos chamar de uma estética própria da *Companhia*. Todos os trabalhos que realizamos nos últimos anos são diferentes em suas propostas, mas todos eles possuem um atributo que se se imbrica com o conjunto da obra. É o que eu costumo chamar de *coreodramaturgrafia*, uma fusão de coreografia com dramaturgia, além de outros elementos que captamos ao longo do processo criativo. Nesse sentido, acredito, sim, que tenhamos chegado a uma estética própria, baseada em uma múltipla maneira de se afiliar a múltiplas referências, como a literatura, o cinema, as artes visuais, a música, a relação com o espaço, com os movimentos dos espectadores ao longo das apresentações. Enfim, tudo isso transforma o nosso trabalho, constantemente. A própria ideia de *corpo nômade*, que dá nome a *Companhia*, é um traço característico. Ou nos mantemos num constante movimento de inquietação e de busca, nos entendendo como seres incompletos, ou acabamos caindo na vala comum da acomodação. E o

---

<sup>89</sup> Esta referência também foi somada a fala do entrevistado, pelos entrevistadores, em decorrência da similaridade e da proximidade com o assunto abordado, sem que haja distorção do discurso original.

acomodar-se é perigosíssimo para o movimento da dança, pois gera uma relação de conformidade, que não entra em diálogo direto com a noção de esgotamento que tanto nos preocupa.

**Renata Tomasi:** *A Companhia Corpos Nômades foi fundada no ano 2000. Desde a sua criação, já se passaram quatorze anos, o que podemos considerar como um longo período para uma companhia de dança. Qual é o segredo desse sucesso?*

**João Andreazzi:** Antes de nos tornarmos *Companhia Corpos Nômades*, oficialmente, trabalhávamos com a alcunha de *Companhia João Andreazzi*, desde 1995. Temos, portanto, cerca de vinte anos de atividades ininterruptas. E acredito que o segredo de nossa permanência, e não necessariamente de sucesso, é o tempo de dedicação, quase que diária, que emprestamos para o processo de criação. Quando estamos ensaiando um novo espetáculo, e mesmo nos anteriores, acordamos e vamos dormir pensando no processo criativo, no esgotamento, na solidão, na relação com o espaço-tempo, nas fissuras que se abrem e que se podem ser abertas, nas rupturas, nos fragmentos, nas novas possibilidades estéticas. Em outras palavras, acredito que a nossa persistência, a nossa insistência, a nossa resistência, o fato de pensar com o quê e como trabalhar, tudo isso interligado, é o que nos coloca em permanente movimento de busca. Mas é preciso lembrar, também, que não basta quereremos realizar os projetos, pura e simplesmente. Na realidade, é o corpo quem vai dizer se é possível ou não abordar determinados movimentos, é o corpo quem vai dizer se é possível ou não propor determinadas estéticas. Acredito que o segredo de nossa permanência está em nossa persistência e na verdade que buscamos transmitir com o nosso trabalho, com o nosso movimento dos corpos.

**Renata Tomasi:** *O que você pensa sobre a situação da dança contemporânea no Brasil? Nesse sentido, ainda, como você percebe a questão da formação do público para o universo da dança contemporânea, hoje, no país?*

**João Andreazzi:** Pensando a situação da dança contemporânea no Brasil, hoje, acredito que os artistas devem se organizar, de melhor maneira, para conquistar, em suas localidades, formas de incentivo. Políticas culturais, como o *Programa Municipal de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo*, criado em 2006, e o *Programa Petrobras Cultural*, criado em 2000, para citar duas delas, são boas alternativas. Os artistas precisam pensar novas formas de melhor distribuição dos recursos públicos, para incentivar o fazer artístico da dança, como um todo. Acredito nisso como uma

maneira de criar um alicerce em termos de território nacional. Assim, munidos de recursos, conseguiríamos atingir um maior intercâmbio entre as companhias do país, no que diz respeito à mobilidade, inclusive. Hoje em dia, é muito difícil estabelecer esse contato, essa troca entre os grupos, entre os coletivos, entre as próprias companhias de dança. A grande maioria concentra-se nas grandes cidades, com maior densidade no eixo Rio-São Paulo, infelizmente. Precisamos pensar numa maneira de melhor organizar as políticas culturais voltadas para a dança, a partir do que já temos construído. Trocar experiências sobre as maneiras de produzir, sobre as apresentações, sobre processo criativo, isso tudo é muito importante, inclusive para nos fazer refletir, o tempo todo, as nossas maneiras de pensar a dança.

Com relação à dança contemporânea, importa refletir, ao mesmo tempo, não apenas as nossas maneiras de pensar, mas, também, as nossas maneiras de existir no mundo. Importa refletir, por exemplo, muito e fortemente, como o corpo se situa com relação aos nossos dias, como utilizar os movimentos do corpo de forma crítica, como gerar ruídos através dos gestos, pensando rupturas, articulando percepções de fragmentos da realidade, provocando o espectador, tirando tanto o artista criador quando o seu receptor do lugar comum. E a dança contemporânea tem sim a possibilidade de propor isso. Mas, para tratar dessa questão, não vejo outra saída que não o fortalecimento dos grupos, que devem se articular politicamente, visando à ampliação das políticas de incentivo e buscando, sempre e necessariamente, a mobilidade, a troca, os encontros. Essa é uma das ideias que está por trás do conceito de *corpos nômades*. Ou seja, os artistas devem expandir as maneiras de resistir e insistir na problematização.

Sobre a questão da formação do público, finalmente, é preciso lembrar que a dança contemporânea tem um pensamento mais ligado aos modos de ser e estar dos corpos hoje. E, devido a sua subjetividade pujante, o número de espectadores é sempre reduzido. Mas vejo como positivo o crescimento desse público no Brasil, embora a questão econômica do país, principalmente a questão da péssima distribuição de renda que temos, seja, ainda, um tanto delicada. E isso se liga diretamente a questão do acesso. Quem pode e quem não pode ver um espetáculo? Quem pode e quem não pode ver uma apresentação? De qualquer modo, precisamos pensar nas alternativas.

**Renata Tomasi:** Como você define o perfil do público que frequenta os espetáculos da *Companhia Corpos Nômades*?

**João Andreazzi:** Percebo entre os espectadores um perfil bastante específico. São, geralmente, pessoas que se interessam por dança contemporânea ou que têm interesse por filosofia.

Por vezes, pesquisadores acadêmicos, que estão em busca de novos objetos de estudo. Então, vejo que o nosso público é composto, em sua grande maioria, por pessoas que se interessam por trabalhos em dança, que têm por base uma reflexão mais densa, ou pessoas que se identificam com o trabalho de companhias que desenvolvem experimentos, que mesclam diferentes possibilidades estéticas, misturadas ao teatro, a música, ao audiovisual, tudo isso complementando o fazer artístico da dança. O nosso público, portanto, é muito voltado a esse tipo de realização.

**Rafael Balseiro Zin: O que você vê de diferente na dança contemporânea, atualmente, em relação a quando começou profissionalmente?**

**João Andreazzi:** Hoje, diferentemente de quando começamos, lá nos anos 1990, os coletivos se organizam de melhor maneira, mesmo que isso não tenha se tornado uma regra. No entanto, o fato de termos obtido acesso a recursos que subsidiam a companhia, o fato de termos, hoje, uma sede própria, ainda que seja mantida com muito esforço e com o desembolso de um aluguel altíssimo, nos fez ter maturidade. Sem falar nos procedimentos criativos, que se devolveram imensamente. Nós crescemos, enquanto artistas, e o público, em termos de quantidade, vem crescendo, também, nos últimos anos. Conseguimos, cada vez mais, propor novas ideias, novos projetos. Conseguimos estreiar um novo trabalho todo ano, colocando, em cena, uma nova criação, para desenvolver um novo experimento. No início, conseguíamos estreiar um novo trabalho a cada dois ou três anos. Isso mostra o quão importante é o *Programa Municipal de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo*, além de outras formas de incentivo, como os recursos que recebemos recentemente do *Programa Petrobras Cultural*, pelo período de 2013 até 2015, que é de fundamental importância para a manutenção do espaço e para a realização e a continuidade de diversas atividades que desenvolvemos, em contrapartida, na sede *Companhia*. Apesar de não representarmos o todo dos coletivos que desenvolvem trabalhos em dança contemporânea no Brasil, acredito que muitas delas diriam algo parecido, pois, há vinte anos, a realidade desse tipo de manifestação artísticas no país era muito mais complexa que hoje.

**Rafael Balseiro Zin: E você tem em mente quais serão os seus próximos trabalhos? Em que autores, artistas, personalidade de nosso tempo ou do passado você tem se inspirado ultimamente?**

**João Andreazzi:** Com relação às minhas principais referências, posso dizer, seguramente, que foram muitas ao longo dos últimos anos. Mas dois autores que sempre estão presentes em minhas reflexões são Gilles Deleuze e Félix Guattari, principalmente nas obras *O anti-Édipo* e *Mil Platôs*. Isso porque, eles me ajudaram muito a sentir o que eu tinha como anseio de existir e a compreender o que estava acontecendo no mundo. Essa ideia de *capitalismo* e *esquizofrenia*, por exemplo, me fascina. E quando me deparo com concepções como a *máquina desejante*, essa necessidade de se produzir desejo, inata ao homem contemporâneo, me inspiro ainda mais. Comecei a perceber que esses autores produziam um discurso com conteúdos muito próximos daquilo que eu vinha sentindo com relação ao *status quo* do mundo contemporâneo. Nesses textos, temos uma maneira muito psíquica de entender a realidade que nos cerca, mas, também, política, cultural e social. Eles conseguiram abarcar, em suas obras, muitas sensações que eu mantinha enquanto dúvida. E a *Corpos Nômades*, em termos conceituais, surgiu muito por conta das leituras que fiz e ainda faço desses autores, também. Mas confesso que demorei muito tempo para entender o que eles queriam dizer. Demora a fazer sentido, é preciso muito tempo de maturação das ideias. Em outra direção, mas muito complementarmente, me identifico bastante com o pensamento de Milton Santos, pela característica de pensar a ocupação de um lugar, por exemplo; pelas questões de território e de desterritorialização; pela questão da mudança do entorno, que os espaços contemporâneos carregam, não necessariamente pelas particularidades geofísicas, mas envolta por inúmeras problemáticas que o contexto urbano nos apresenta. Outra pensadora, bastante contemporânea e com a qual dialogo muito, é a professora e crítica de dança Helena Katz. Com ela venho tendo importantes conversas, desde a década de 1980. Suas reflexões me estimulam a pensar, a agir, a querer fazer. Além dela, outros nomes me serviram como inspiração. Com a Sonia Mota, por exemplo, aprendi a admirar a arte da dança, numa época em que eu fazia apenas teatro. É essencial falar dela...

Sobre os próximos trabalhos, posso adiantar que estamos com um novo projeto intitulado *Hostel Project: Fase I*, que será desenvolvido em três etapas distintas. A ideia é traduzirmos alguns textos do escritor e dramaturgo irlandês Samuel Beckett para o Guarani-Mbyá, a partir de fragmentos garimpados dos livros *A Companhia*, *O Caminho* e *O Despovoador*. Pretendemos assimilar os escritos de Beckett a esta cultura que se mostra, ao mesmo tempo, tão próxima, mas que soa tão distante de nossa realidade. Em 1999, a *Corpos Nômades* realizou uma pesquisa de campo com as comunidades indígenas Guarani-Mbyá na aldeia Tekoa Payau, localizada próxima ao do Pico do Jaraguá, e nas aldeias Krukutu e Tenondé Porã, localizadas no bairro de Parelheiros, todas elas situadas no município de São Paulo. Naquele momento, a ênfase estava no *corpo nômade*. Agora, passados cerca de quinze anos da proposta original, o foco está em captar as mudanças que ocorreram

nestes lugares e transpô-las para o corpo. O resultado que esperamos é apresentar um espetáculo que experimenta o corpo, de modo a perceber os movimentos despovoarem o espaço, hospedando-se na corporeidade e na vocalidade dos intérpretes.

**Renata Tomasi: Para finalizar, defina João Andreazzi por você mesmo.**

**João Andreazzi:** Como eu me definiria? Essa pergunta é sempre difícil de ser respondida. Mas, em termos gerais, me considero um doente naquilo que faço. Se paro, morro; se continuo, também morro. Por vezes me sinto fora do tempo, ao mesmo tempo em que me é impossível estar fora dele. Sinto-me não compreendido, do mesmo modo em que acredito que a maioria das pessoas se sente incompreendida. João Andreazzi é uma pessoa que tem uma loucura meio selvagem. E isso me dá medo, às vezes. Em alguns momentos, eu surto, chegando ao ponto de não mais querer estar comigo mesmo, preso neste corpo. E acredito que o fato de ser artista, de querer ser artista, é em si mesmo uma loucura. É existir de modo inquieto. É complexo.

**Rafael Balseiro Zin: João Andreazzi, foi um prazer ouvi-lo. Agradeço-o, em nome da equipe editorial e dos leitores da *Revista Café com Sociologia*, pela rica entrevista.**